
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONCEITO DE MASOQUISMO FEMININO E SUA ASSOCIAÇÃO COM A REPETIÇÃO

Luanna Krüger dos Santos* (Universidade Estadual do Centro Oeste -Unicentro - NUMAPE- Núcleo Maria da Penha – Guarapuava-PR); Franciele Peretiatko* (Faculdade Guairacá); Priscila Ferreira Fortini (Faculdade Guairacá e Universidade Estadual do Centro Oeste -Unicentro - NUMAPE- Núcleo Maria da Penha Guarapuava-PR);

Contato: luanna.kruger@hotmail.com

Palavras-chave: Gênero. Psicanálise. Repetição.

Introdução

Diante os quadros de violência doméstica e diferentes discursos que tentam responder a questão do porque as mulheres “sustentam” este tipo de relação violenta, é recorrente escutar a propagação de frases simplistas, mas carregadas de estereótipos, como: “A mulher gosta de apanhar”; “A culpa é dela”; “Se ela quisesse já teria saído de casa”, e; “Ela que levou o homem a fazer isso”. Surge então uma preocupação em compreender os casos de mulheres que sofrem violência e mesmo assim, permanecem com os companheiros.

Há leis e Políticas Públicas voltadas para as mulheres, na tentativa de punir os agressores e oferecer apoio para elas. De acordo com a Declaração das Nações Unidas, de 1949, sobre a violência contra a mulher, aprovada pela Conferência de Viena em 1993, a violência se constitui em “[...] todo e qualquer ato embasado em uma situação de gênero, na vida pública ou privada, que tenha como resultado dano de natureza física, sexual ou psicológica, incluindo ameaças, coerção ou a privação arbitrária da liberdade” (FONSECA; LUCAS, 2006, p. 2). No Brasil, entrou em vigor a Lei nº 11.340, também conhecida como Lei Maria da Penha, de acordo com o Art. 1º, E

Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar

contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (BRASIL, 2006, s/p.).

Através da psicanálise, são apresentadas teorias sobre o porquê de a mulher passar por essas situações e, muitas vezes, não reportar a violência para as autoridades ou se posicionar diante disso. Uma dessas teorias discutidas por psicanalistas é o masoquismo feminino, que será aprofundada no decorrer desse trabalho, mas, que corresponde a uma relação de humilhação, prazer e dor em um processo repetitivo (NARVAZ, 2010).

Dessa forma, este artigo comporta como objetivo compreender a relação do masoquismo e a permanência das mulheres em caso de violência doméstica a partir de um viés psicanalítico. Investigando a posição que a mulher ocupa nesses relacionamentos, e analisar de que forma pode gozar se sujeitando a violência, e pesquisando o que leva a essas repetições, descrevendo como as questões de gênero podem interferir nesta posição.

Para dar início a este artigo foi realizado uma pesquisa bibliográfica, em que se utilizou revistas, periódicos ou indexadores. Os principais indexadores usados para coleta de dados foram o Google Acadêmico e Scielo, com o uso dos seguintes descritores: Violência doméstica; Masoquismo feminino, e; Masoquismo para psicanálise.

Tendo como apoio teórico a psicanálise, utilizou-se os seguintes livros do pai da psicanálise Sigmund Freud: “Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos” de 1905, “O Ego e o Id e outros trabalhos 1923-1925”. Para compreender as formas de repetição, foi utilizado além do livro de Freud “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: O Caso Schreber, artigos sobre técnica e outros textos de 1911-1913, o livro de Nasio “Por que repetimos os mesmos erros” de 2014, que vem de encontro com o objetivo proposto. Também como referência em questões de gênero foi utilizado Saffitoti, com os seguintes livros: “O poder do macho”, 1987 e “Gênero, patriarcado, violência”, 2004. Assim como alguns artigos encontrados no Scielo que traziam a temática proposta.

Ressaltando que a pesquisa em psicanálise segue outra ordem, se escreve em psicanálise, primeiramente pelo desejo de poder dar contornos para essas questões que aparecem no decorrer seja da prática clínica ou de estudos. Se trata em uma pesquisa que irá resultar sempre em uma transformação do sujeito com o objeto de estudo, mas se diferenciando das ciências naturais, em

que esses resultados tendem a ser demonstrativos sempre, a psicanálise segue outra lógica (FIQUEIREDO; MINERBO, 2006).

Este artigo se justifica uma vez que além das atrocidades que são continuamente repetidas no senso comum, ao que se refere a violência doméstica, como citadas a cima, se tem um desejo pessoal em que se possa compreender ou pelo menos como uma tentativa de elaborar, a forma que o masoquismo estaria relacionado com as situações de violência doméstica.

Contextualizando a violência doméstica

Pensando a violência doméstica retomemos ao conteúdo histórico desta temática, em que se trata de uma construção social a respeito do papel da mulher na sociedade, acarretando a violência de gênero, que surge a partir da supremacia do sexo masculino com tais atitudes que vieram a reforçar continuamente um processo de desigualdade e violência (POUGY, 2010).

Diante deste pressuposto o conceito de gênero é considerado mediante a toda história, não apenas como uma categoria de homem e mulher, mas sim uma construção social dos sujeitos. Pensando que o patriarcado sente-se no direito de exercer uma dominação sobre o sexo feminino, já que se expressa como uma forma de poder sobre o outro (SAFFIOTI, 2004).

São retratadas diante a sociedade uma posição do sexo masculino, que além de poder, demonstram atitudes, começando por pensar as atividades domésticas, que quase sempre são atribuídas as mulheres, mesmo que estas exerçam um trabalho remunerado, assim como os homens, a obrigação de cuidar da casa e dos filhos continua sendo destinados a mulher (SAFFIOTI, 1987)

De forma breve, “gênero é uma categoria de análise que, à luz das relações de poder, explica as diferenças biológicas e socialmente construídas entre mulheres e homens” (ANDRADE; FONSECA, 2008, p. 593). Nesse contexto, essa análise não é igualitária entre os sexos. A mulher ocupa posições subalternas e secundárias, que a coloca de forma inferior se comparada ao homem (ANDRADE; FONSECA, 2008).

A violência se confronta com os diferentes, com classe menos privilegiadas sendo negros, mulheres, crianças, idosos etc. Com isso surgiram movimentos e políticas públicas ao longo do tempo em que realizam trabalhos para que possam favorecer esses sujeitos que sofrem com essas questões (ANDRADE; FONSECA, 2008).

“A partir da década de 90 a violência doméstica vem sendo concebida também como uma questão de saúde baseada nas relações de gênero” (ANDRADE; FONSECA, 2008, p. 592). Com essa concepção e com os movimentos populares que se mobilizaram e se intensificaram em prol dos direitos dos menos favorecidos e em questão o direito das mulheres, criaram-se leis para assegurar a proteção e punição no caso de violência doméstica. O maior marco desse tema é a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha. Essa lei busca prevenir e punir a violência doméstica e dar assistência e amparo para as mulheres (BRASIL, 2006).

A Lei Maria da Penha traz em seu art. 7º as formas de violência doméstica e familiar contra as mulheres. Entre outras, são elas: violência física se remete a qualquer ato que comprometa o corpo (BRASIL, 2006).

A violência psicológica, está relacionado a um dano que proporciona baixo autoestima. O agressor apresenta condutas como ameaças, ofensas, entre outras expressões rudes em que ofende a vítima e lhe causa prejuízos psicológicos (BRASIL, 2006).

Violência sexual, compreende como a imposição de um outro para com a vítima em presenciar ou participar do ato sexual, sem que a mesma tenha alternativas ou até mesmo faça uso de métodos contraceptivos. Sendo considerado um estupro mesmo que seja um relacionamento fixo (BRASIL, 2006).

Violência patrimonial, é entendida como a destruição ou dano de qualquer material, objeto, até mesmo o dinheiro e que seja propriedade da vítima e foi danificada de alguma forma. E a violência moral está relacionada a qualquer tipo de manifestação que desonre a mulher (BRASIL, 2006).

Saffioti (1997) nos auxilia a compreender este contexto de violência doméstica, e violência de gênero em seu texto “Violência doméstica ou a lógica do galinheiro”, que compara a relação do homem com a mulher, com a relação do galo com as galinhas...Começa por retratar que assim como na nossa sociedade o galinheiro também se organiza conforme a hierarquia, que transfere o poder para o galo, mesmo que tenha um número muito maior de galinhas, e todas essas devem permitir a posse sexual ao galo.

A diferença estaria pautada na capacidade do ser humano simbolizar essas relações, em que o macho cria subsídios para ser superior que o sexo feminino, crianças... A construção social do macho é que este detém o poder enquanto as demais são frágeis (SAFFIOTI,1997).

Pensando desta forma, quando a mulher resolve sair deste relacionamento o homem a têm como um objeto, e acabam por não aceitar a separação, começa a perseguir e ameaçar, desta forma coloca-se a lógica do galinheiro, em que se a galinha conseguir fugir o galo não irá atrás para persegui-la, ameaça-la (SAFFIOTI,1997). Ou seja,

A sociedade assemelha-se a um galinheiro, sendo, contudo o galinheiro humano muito mais cruel que o galináceo. Quando se abre uma fresta na tela do galinheiro e uma galinha escapa, o galo continua dominando as galinhas que restaram em seu território geográfico. Como o território humano não é meramente físico, mas também simbólico, o homem considerado todo poderoso, não se conforma em ter sido preterido por outro por sua mulher, nem se conforma quando sua mulher o abandona por não mais suportar seus maus-tratos (SAFFIOTI, 2004; p.62).

Masoquismo Feminino

Para que possamos avançar a respeito do masoquismo, se faz necessário entender a diferença entre masoquismo e sadismo, para depois apresentar como o masoquismo é tratado pela psicanálise.

O sadismo é a ação sobre o objeto sexual e que pode ser violenta, ou seja, é uma satisfação a partir da agressão ao outro sujeito. Já o masoquismo é ao contrário, pois vai ser passivo à essa ação no ato sexual. Pode-se entender que na relação entre sadismo e masoquismo há uma estruturação de perversão (FREUD,1905).

A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém, em que suas formas ativa passiva costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa. Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais (FREUD,1905, p. 98).

Nesta perspectiva considera-se que o sadismo e o masoquismo são de ordem sexual e que não são vistos como uma patologia, a não ser nos casos extremos. O sadismo além das agressões, o qual tem como objetivo provocar dor, também inclui em apoderar-se do outro, submetendo-o a humilhações (FREUD,1905).

Freud, retoma posteriormente no livro O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925) o conceito de masoquismo no texto, “O Problema Econômico do Masoquismo”, apontando-o por

meio de três formas, sendo elas: Masoquismo erógeno, masoquismo moral e masoquismo feminino. No primeiro se caracteriza com uma sensação de prazer pela dor, o segundo surge de forma inconsciente produzindo uma culpabilização no sujeito, e o último que se trata do masoquismo feminino, pode ser detectado mais facilmente, pois o autor, afirma que mesmo este se tratando do masoquismo feminino está presente também o masoquismo primário, por se manter no lugar de um ser castrado, em uma posição infantil e feminina por sentir prazer em situações que geram sofrimento.

O masoquismo feminino tem relação com o complexo de Édipo. A menina que antes respondia à hierarquia do pai, agora passa a ocupar uma posição diante ao marido em sua família respondendo a hierarquia seguida antes. Substitui suas pulsões incestuosas, e o desejo que tinha pelo pai, pela submissão ao homem. O desejo reprimido da criança pode ser colocado em uma posição de gozo pelo outro, com o companheiro agora enquanto mulher. Seria essa posição de submissão ao Outro que a mulher ocuparia na permanência nos relacionamentos em situação de violência, pois não pode permanecer nesta posição na infância, mas agora é permitido (NARVAZ, 2010).

Pensando-se que o organismo psíquico busca incessantemente o prazer, de que forma poderia buscar o desprazer para obter o prazer? A esta pergunta Freud denomina o masoquismo e retrata este ser incompreensível, e tenta dar alguns contornos para subsidiar esta questão (FREUD, 1923-1925).

Sendo assim, se volta para uma investigação sobre princípio de prazer que vem acompanhado dos instintos libidinais e de morte, resultando então o primeiro, o princípio de prazer e o de morte desprazer chamado também de princípio de Nirvana, em que há uma tentativa de equilíbrio. Este princípio estaria ligado ao zero de tensão, uma tentativa de voltar ao inorgânico, em que não se tinha excitações, desta forma quanto mais excitações houver no psiquismo mais esse princípio irá atuar para reduzir essa excitação (FREUD, 1923-1925).

O princípio de Nirvana expressa a tendência do instinto de morte; o princípio de prazer representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo. Nenhum desses três princípios é realmente colocado fora de ação por outro. Via de regra eles podem tolerar-se mutuamente, embora conflitos estejam fadados a surgir

ocasionalmente do fato dos objetivos diferentes que são estabelecidos para cada um [...] (FREUD, 1923-1925; p.178).

O masoquismo irá acompanhar a libido durante todo o percurso que está irá seguir, respeitando o exemplo que Freud coloca neste momento, reflete do medo de ser devorado diante a imagem paterna vem acompanhada da fase oral-primitiva, sendo assim, o desejo de ser espancado pelo pai segue-se pela fase anal-sádica. Pensa-se que a castração mais tarde vem a ser negada, tendo como possibilidade surgir nas fantasias masoquista e vir a ser de uma ordem genital, dando início a uma posição feminina (FREUD, 1923-1925).

Considerando todo esse percurso, e pensando no masoquismo como forma de satisfação para as pulsões, contudo tratando de um desejo inconsciente, os sujeitos passam a repetir esses atos, para tentar dar conta de conteúdos e privações primitivas mal elaborados (FREUD, 1923-1925).

No que concerne a repetição Freud (1911-1913) destaca que o sujeito não consegue recordar o motivo por tais repetições mas mesmo assim, atua a partir de uma ação, ou seja, transforma em ação o elemento inconsciente, sem que este passe pela consciência, o sujeito acaba por repetir, fazer, mas não consegue saber o motivo.

Násio em seu livro “Por que repetimos os mesmos erros” (2014), considera a repetição citada acima como patológica, devido acontecimentos traumáticos na infância que na fase adulta irão reaparecer como sintomas. Justamente por se encontrarem em uma posição de vítima ou até mesmo testemunha de um ato impactante para o sujeito, gerando uma série de emoções, sendo estas prazerosas ou não, pelo fato dessas sensações se manifestarem também como prazerosas, com o tempo acaba conduzida por uma culpa, pois se trata da forma que o sujeito construiu para obter um gozo satisfatório.

Ressalta que o gozo aqui se trata das emoções que passam a aterrorizar o sujeito infantil traumatizado, das emoções que passam a ser dramatizadas por fantasias e que passam a surgir no sujeito mais tarde pela patologia da repetição (NASIO, 2004).

Neste ponto conseguimos considerar que o que se repete se trata de o objeto que era o gozo ou uma cena fantasmática, e a causa desta repetição seria uma repetição compulsiva pela incapacidade de simbolização do gozo e de suas consequências, ou mesmo a não simbolização dos desejos incestuosos, passam a se isolar no inconsciente, já o que concerne ao motor dessas

repetições é a pulsão, considera-se então que “o conceito de pulsão como sendo igualmente uma força, a força que faz com que a fantasia exploda compulsiva e reiteradamente na superfície do eu” (NASIO, 2004; p.73), desta forma chegam em forma de ação para o sujeito, sem que este tenha tomado consciência, acaba por gozar nesta repetição, e desta posição.

Resultados e Discussão

Este artigo teve como objetivo tentar compreender a questão da violência doméstica comportando uma visão psicanalítica do masoquismo com auxílio dos livros de Freud que foram citados a cima de 1901-1905 e 1923-1925, e colocando o conceito da repetição patológica elaborado por Nasio (2014), bem como sendo uma forma de satisfação, e muitas vezes com um preço alto a pagar, e Saffioti 1987, 1997 e 2004, que percorre um caminho histórico para buscar compreender a violência contra a mulher, e como foram construídas as questões de gênero, em que colocam a mulher em uma posição de objeto do homem.

O masoquismo é retratado como uma forma de satisfação por vias que acarretam sofrimento, Freud (1923-1925) nos fala de satisfação por se manter em uma posição de ser humilhada e mal tratada, e como é possível que surja um gozo nesta posição, e para melhor conceituar resgata o conceito de pulsão de morte e de vida em que ambas com o princípio de Nirvana devem caminhar juntas, uma em nome de todo o prazer, e outro lutando para que esta excitação possa ser rebaixada, como uma sensação de voltar ao zero de tensão, mediada pelo princípio de Nirvana.

Sendo assim, pensa-se o masoquismo como um mecanismo que se encontra no psiquismo para que se possa dar contorno para essa pulsão até então recalcada, com indícios da infância, devido a castração, juntamente com os desejos incestuosos, já que não pode ocupar o lugar de ser espancada pelo pai, ou pela figura paterna, necessitou sair desta posição, na fase adulta, enquanto mulher, isto acaba surgindo como forma de satisfação inconsciente (FREUD, 1923-1925).

Saffioti (1987) retoma a posição que a mulher ocupa na sociedade, em que está passa a reforçar a violência contra mulher, e passam a reforçar este comportamento, retirando a mulher da posição de vítima, e a deixando na posição de culpada, pois foi construído que a mulher ao se casar deve pertencer ao marido, respeitando e devendo-lhe satisfazer em todos os sentidos.

Neste ponto percebe-se a importância em se lutar por políticas públicas que garantam os direitos das mulheres nestes casos, pois se trata de uma luta, e uma conquista recente, como essa

posição da mulher como objeto do homem, foi construída e reforçada socialmente por décadas, as mulheres ainda se encontram com medo e inseguras para ir procurar ajuda.

Uma mulher pode permanecer durante anos vivenciando uma relação que lhe traz dor e sofrimento, sem nunca prestar queixa das agressões sofridas, ou mesmo, quando decide fazê-la, em alguns casos, é convencida ou até mesmo coagida a desistir de levar seu intento adiante (FONSECA; LUCAS, 2006, p. 14).

Ao que concerne a repetição Nasio (2004) considera a que se refere ao ato sexual e a sua submissão, como fazendo parte de uma repetição patológica retomando os preceitos de Freud, nos faz compreender, que se trata de um percurso que reflete o foi vivenciado na infância, e que recalcado com o tempo, sendo assim, o sujeito não recorda mas repete em forma de ação, esses eventos traumáticos, tendo uma satisfação com essas repetições inconscientes.

É forçoso constatar que a mulher, ao consentir em ser o objeto a, objeto causa de desejo de um homem, assume uma posição masoquista, haja vista que se encarna como objeto na cena com seu parceiro. Avançando-se em torno desse arcabouço teórico, cabe pensar na conjunção entre o masoquismo e o gozo femininos. Lacan (1985), em seu seminário XX, aponta que é sob o imperativo do Outro que funciona o aparelho do gozo. Em relação ao homem esse Outro se torna um outro, uma mulher qualquer. Da parte de uma mulher, ela é um objeto subserviente ao gozo fálico na fantasia masculina. Daí, o masoquismo ser feminino. (MIRANDA; RAMOS, 2014, p. 46).

A partir dessa perspectiva psicanalítica pode-se perceber que o masoquismo feminino poderia ser uma alternativa para a mulher conseguir uma experiência erótica e uma defesa contra o desamparo. Dessa forma se submete “[...] ao desejo do Outro para se proteger da angústia do real e de seus efeitos traumáticos” (ANDRÉ, 1996; ASSOUN, 1993 apud NERVAZ, 2010, p. 54).

Em uma outra situação, a mulher para garantir sua posição e em nome da paixão, do amor, dos deveres como mulher em um casamento e da maternidade, ela pode se sujeitar a violência. E, ainda, pode ocorrer pela vontade de se inserir no universo restrito de “insígnias fálicas” (NARVAZ, 2010, p. 54).

Considerações finais

Com base em todo referencial teórico até aqui percorrido, ressalta-se, que a violência doméstica é um assunto que ainda precisa ser mais problematizado, justamente pelo fato de que há muitos apontamentos a respeito da mulher no contexto social, em que a mesma passa a ser julgada e enquadrada como culpada de tal fato, no entanto nota-se que esse é um apontamento simplista. Considera-se então as reflexões de Freud (1923-1925) acerca do masoquismo, o qual está diretamente ligado a essa questão e que passa a ser um processo de repetição utilizado para tentar suprir um acontecimento anterior.

Posto isto, acredita que o desejo ocorre “como a expressão dessa falta de satisfação absoluta, o que remete a uma busca incessante de novos objetos, na tentativa de obter a satisfação almejada e jamais alcançada” (WOBETO, 2013, p.178), repetindo nessas relações a partir de um amor devastador, na tentativa de prazer a todo custo.

Assim, mediante esta pesquisa, o que se pode propor diante dessa complexa realidade é a possibilidade de espaços terapêuticos em que essas mulheres se sintam acolhidas e que sejam escutadas. Já que a psicanálise não apresenta como intuito modificar essa situação mas auxiliar no processo para que os conteúdos primitivos, da origem dessa repetição, sejam recordados, minimizando esse excesso com uma proposta de elaboração desses acontecimentos (WOBETO, 2013).

Nota-se ser relevante pensar a respeito da prática psicanalítica, e estabelecer na transferência uma aposta no acesso aos conteúdos latentes, por meio de uma escuta cuidadosa, levando em consideração todo discurso até então incompreensível. Posto que, só há análise a partir de uma construção transferencial (WOBETO, 2013).

Outro ponto em questão que deve ser analisado é que mesmo com todo esse embasamento teórico, deve-se levar em consideração o contexto de cada mulher, bem como suas subjetividades, já que está pode estar em um momento de grande vulnerabilidade. Todavia o analista deverá acolher com empatia sem julgamentos ou análises superficiais dos acontecimentos (WOBETO, 2013).

Por conseguinte, a relação entre analista e analisando, por meio da transferência, proporcionará uma significação dessa violência vivenciada. Já que o trabalho estará voltado

diante a necessidade da mulher em expressar suas questões, seu sofrimento, ansiedades e aflições (WOBETO, 2013).

Este artigo se tratou de um desafio em traçar um possível caminho para responder o objetivo inicial, pautado na relação do masoquismo com a permanência das mulheres em caso de violência, desafio por se tratar de uma pesquisa em psicanálise, bem como por conseguir elaborar conceitos complexos a respeito da temática.

Conclui-se que o objetivo deste artigo não pode ser esgotado, porém, procuramos trazer questões para que se possa pensar, e compreender como o masoquismo está relacionado nos casos de mulheres que permanecem nos relacionamentos embora que sendo violentadas, podendo aproximar-se da posição que estas ocupam, e analisando como esta posição gera o gozo que as faz permanecer nisto, a partir da repetição, além das posições que a sociedade ainda hoje colocam as mulheres dentro de um relacionamento, que vem a reforçar esta posição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Clara de Jesus Marques; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 42(3). 2008. P. 591-595.

BATISTA, Ângela; PINHEIRO, Nelisa. Masoquismo feminino e um para além da lógica fálica. **LETRA FREUDIANA**, Ano XI – nº 10/11/12. S/A. p. 182-188.

BRASIL. **Lei nº 11.340/2006**, de 07 de agosto de 2006. Brasília. 2006.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(2). mar-abr. 2005. p. 417-425.

FIQUEIREDO, Luiz C.; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise, São Paulo**, vol. 39, nº 70, p. 257-278, jun. 2006.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos.** Vol VII. 1901/1905.

_____. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia:** o caso Schreber (artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas de Paulo Cezar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FONSECA, Paula Matinez; LUCAS, Taiane Nascimento; **Violência Doméstica Contra a Mulher e as suas Consequências Psicológicas.** Salvador, 2006.

KUPSTAS, Marcia. **Violência em Debate.** Coleção Debate na Escola Ed. Moderna, São Paulo, 1997.

MIRANDA, Cássio Eduardo; RAMOS, Juliana Souza. Uma mulher é espancada: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise; **Revista: ECOS**, Vol. 4 Nº 1. 2014.

NARVAZ, Martha G. Masoquismo feminino e violência doméstica: Reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia. **Psicologia: Ensino & Formação**, 1(2). 2010. P. 47-59.

NÁSIO, Juan David, 1942- **Por que repetimos os mesmos erros.** J/D. Násio; tradução. André Telles. -2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

POUGY, Lilia Guimarães. Desafios políticos em tempos de Lei Maria da Penha. **Revista Katál.** Florianópolis v. 13 n. 1 p. 76-85 jan./jun. 2010.

RIBEIRO, Carolina Nassau. Reduzir-se a nada: Articulações entre o masoquismo, o feminino e a máscara. **Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.** Orientador: Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto. Belo Horizonte. 2008.



06 a 08
de junho de 2018

Teatro Calil Haddad / Campus UEM
Maringá - PR

PSICOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS
E DESAFIOS EM TEMPOS SOMBRIOS

ISSN 1679-558X

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. (Coleção Polemica).

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 (Coleção Brasil Urgente).

WOBETO, Edna Monica da Silva. O Feminino e a Violência numa perspectiva Psicanalítica. 2013. 190 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia. Núcleo de Saúde. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.